

REFORMA OU REVOLUÇÃO?



ANTIMÍDIA

Artigo baseado em roteiro do vídeo Reforma ou Revolução?, da Antimídia. O vídeo e o zine e outros materiais estão disponíveis para download em nosso site:

ANTIMIDIA.ORG

Este é um conteúdo livre de direitos autorais.
Propriedade é roubo.



**REFORMA
OU
REVOLUÇÃO?**



Há séculos, pessoas que lutam contra as opressões, sejam elas impostas por reis, ditadores ou pelo capital, tentam tomar o controle do Estado, através do voto ou da revolução para construir um mundo mais justo. Mas todos esses novos governos acabaram mantendo a existência de uma minoria privilegiada, enquanto a maioria da população continuava sendo explorada, encarcerada ou morta. Será que é possível usar o Estado para abolir a opressão de classe?



Nas democracias liberais, a eleição é um mercado, é a sociedade de consumo transformando a ação política em mercadoria, controlável, vendível. Por isso, o discurso eleitoral tem que ser um discurso de conciliação de classes. Seu objetivo é conquistar a opinião pública sem transformá-la, sem educar ou criar consciência política. Quem se candidata quer ganhar o eleitorado com todos os seus preconceitos, quer convencê-lo, se vender como um produto no mercado. E para isso, vai necessariamente recuar. Seu discurso vai sendo esvaziado até que todys candidatys se pareçam, pois querem agradar o mesmo público. Ao final, o que os difere é só uma imagem superficial, enquanto a prática concreta é determinada por outros fatores. As diferenças superficiais servem mais para parecer que existe opção de escolha e para gerar nichos de mercado eleitoral, cooptando a vontade de transformação radical da sociedade para dentro das instituições.

Quando um movimento ou partido, por mais radical que se diga, entra no jogo institucional, na disputa pelo poder do Estado, conquistar e manter esse poder acaba se tornando um fim em si mesmo. Pois para ter governabilidade e não ser derrubado, precisa fazer ali-

anças e responder a quem realmente controla as instituições. Terá que negociar e abrir concessões para as elites, se afastando das pautas da esquerda, que defendem a classe trabalhadora, para abraçar pautas da direita, que protegem a burguesia.

Fora algumas políticas assistenciais e de inclusão de certas minorias que podem até prover certo alívio de fato a parte da população, os governos que se dizem de esquerda não se diferenciam muito de governos abertamente neoliberais. E enquanto esses benefícios dificilmente sobreviverão ao próximo governo ou crise financeira, a estrutura econômica, que afeta todys habitantes daquele território e impõe a exploração da maioria para o privilégio de um pequeno grupo, segue intocada . E os aparelhos de repressão, que protegem essa estrutura, são cada vez mais fortalecidos e legitimados.

Na disputa político-partidária, tenta-se de tudo para controlar o poder do Estado, sem perceber que o Estado é incapaz de gerar as mudanças estruturais que precisamos, que sua existência sempre vai favorecer as classes e elites dominantes. Para alcançar o poder, a esquerda se transforma naquilo que ela mesma pretendia combater.



Indígenas protestam em Brasília contra a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, que inundou suas terras, levada a cabo pelo governo federal do PT.



O ESTADO JAMAIS VAI NOS LIBERTAR

Gerações e gerações aprenderam da forma mais difícil que é impossível usar o Estado para abolir as opressões. Já no século 18, a Revolução Francesa destronou e decapitou a realeza para em seguida ver a mesma guilhotina ser usada para executar suas lideranças. No início do século XX, a Revolução Russa destronou e assassinou o Czar para ver o Partido Comunista tomar o controle do Estado e, então, por sua vez, perseguir, executar ou prender dissidências políticas e oprimir a população.

Embora movimentos comunistas tenham conseguido tomar o poder em dezenas de revoluções, jamais conseguiram abolir a sociedade de classes. E, em vez de desaparecer, o Estado só se tornou mais poderoso e invasivo. Sem uma crítica ao Estado, mesmo movi-

mentos revolucionários bem sucedidos estão condenados a se tornarem opressores, tomando lugar dos governos que derrubaram. Pois o governo em si é uma relação de classes. Não há como abolir a sociedade de classes sem abolir a assimetria entre governante e governado.

Se, no capitalismo, o poder econômico fica concentrado nas mãos de uma pequena elite, no Estado, é o poder e a legitimidade política que se concentram em instituições que existem para agir sobre as pessoas governadas. E quem controla e opera essas instituições tem poder sobre toda a população. Quando grupos revolucionários dão ao Estado controle total do capital para tentar desfazer as desigualdades criadas pelo capitalismo, a classe que detém o poder político torna-se a nova classe capitalista. O nome para isso é capitalismo de Estado.

Seja através da revolução ou da eleição, sempre que as pessoas pararam de tentar realizar mudanças sociais diretamente e passaram a investir suas esperanças em representantes políticos, o resultado foi sempre o mesmo. O poder e o privilégio continuaram concentrados em uma pequena elite, enquanto a população continuava sendo explorada e oprimida. Onde houver representação política e gestão burocrática haverá a sociedade de classes.

A única solução real para desigualdade econômica e política é, antes de tudo, abolir os mecanismos que criam essas diferenças de poder. Organizando redes horizontais de autodeterminação e defesa coletiva que tornem impossível a aplicação dos privilégios de qualquer elite econômica ou política. Isso é o oposto de tomar o poder. Governos de todo tipo se opõem a este projeto, pois para qualquer governo deter poder, precisa manter o monopólio da força coercitiva.

Para conseguir o monopólio da força, despotismos fascistas, ditaduras comunistas e democracias liberais usam táticas semelhantes colaborando com outros poderes em jogo. Isso explica porque, depois da Revolução Russa, o novo governo comunista Bolchevique empregou oficiais czaristas e métodos de contrainsurgência. Explica por que se aliaram com a pequena burguesia contra anarquistas na

Rússia, na Espanha e em outros lugares. O problema com o Bolchevismo não era usar força bruta para promover uma agenda revolucionária, mas usar a força bruta para esmagar a revolução.

Há quem diga que deveríamos suspender conflitos com defensores do comunismo autoritário para nos concentrarmos em ameaças mais imediatas como o fascismo. No entanto, o medo generalizado do totalitarismo de esquerda fornece aos fascistas seus principais argumentos contra os movimentos radicais. A recusa a toda forma de Estado e de autoritarismo é o que pode ajudar a distinguir nossas propostas de mudança social daquelas levadas adiante por stalinistas e outros grupos autoritários.

NOSSOS SONHOS NÃO PASSAM PELO ESTADO

A boa notícia é que os movimentos revolucionários não precisam terminar do mesmo jeito que as revoluções comunistas na Rússia, Cuba ou China. Existe outro caminho.

Em vez de buscar o poder do Estado, podemos abrir espaços de autonomia, tirando a legitimidade de Estado e desenvolvendo a capacidade de atender diretamente as nossas necessidades. Em vez de ditaduras e exércitos, podemos construir redes descentralizadas em todo o mundo para nos defendermos mutuamente contra qualquer grupo que queira exercer poder sobre nós. Em vez de procurar novos representantes para resolver nossos problemas, podemos criar associações de base fundadas na cooperação voluntária e no apoio mútuo. No lugar das economias gerenciadas pelo Estado, podemos estabelecer novos bens comuns em uma base horizontal.

Essa é a alternativa anarquista, que poderia ter tido sucesso na Espanha nos anos de 1930 se não tivesse sido atacada por Franco de um lado e por Stálin do outro. De Chiapas a Cabília, de Atenas a Rojava, todos os movimentos inspiradores e levantes das últimas três décadas incorporaram elementos do modelo anarquista.

Proponentes das soluções estatais afirmam que são mais eficientes. Mas a questão é: "mais eficientes" em que? Não há atalhos para a libertação, pois ela não pode ser imposta de cima.

Se nosso objetivo é criar igualdade genuína, temos que nos organizar de uma forma que reflita isso. Descentralizando o poder e rejeitando todas as formas de hierarquia. Construindo projetos locais capazes de atender às necessidades imediatas por meio de ação direta e de solidariedade, e interconectando-os em escala global. Podemos dar passos rumo a um mundo onde ninguém governa ninguém.

O tipo de revolução que queremos não pode acontecer da noite para o dia. Ela é o processo contínuo de destruir todas as concentrações de poder, de dentro das nossas casas até as sedes dos governos.



Há séculos, pessoas que lutam contra as opressões, sejam elas impostas por reis, ditadores ou pelo capital, tentam tomar o controle do Estado, através do voto ou da revolução para construir um mundo mais justo. Mas todos esses novos governos acabaram mantendo a existência de uma minoria privilegiada, enquanto a maioria da população continuava sendo explorada, encarcerada ou morta.

Será que é possível usar o Estado para abolir a opressão de classe?

